



ASPECTOS SOCIOEDUCATIVOS E PEDAGÓGICOS DE UM PROJETO SOCIAL: PERSPECTIVAS DE PROFISSIONAIS E PARTICIPANTES

SOCIO-EDUCATIONAL AND PEDAGOGICAL ASPECTS OF A SOCIAL PROJECT: PROSPECTS OF PROFESSIONALS AND PARTICIPANTS

ASPECTOS SOCIOEDUCATIVOS Y PEDAGÓGICOS DE UN PROYECTO SOCIAL: PERSPECTIVAS DE PROFESIONALES Y PARTICIPANTES

Lilian Aparecida Ferreira

Universidade Estadual Paulista, Bauru, São Paulo, Brasil

Email: lilian.ferreira@unesp.br

Fernando Pagliarini Marrero

Prefeitura Municipal de Araraquara, Araraquara, São Paulo, Brasil

Email: ferpmarrero@gmail.com

Glauco Nunes Souto Ramos

Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, São Paulo, Brasil

Email: glaramos@terra.com.br

RESUMO

O objetivo desta pesquisa foi analisar os aspectos socioeducativos e pedagógicos de um projeto social de boxe nas perspectivas dos profissionais nele atuantes e de seus participantes. A pesquisa caracterizou-se pela observação estruturada e por entrevistas semiestruturadas e estruturadas com três profissionais e sete alunos de um projeto social de uma cidade do interior de São Paulo. Nos aspectos socioeducativos, a expectativa dos profissionais se pautou por uma suposta aprendizagem positiva voltada para construção da cidadania, enquanto a dos alunos em tornarem-se lutadores, com participação em competições. Sobre os aspectos pedagógicos, os profissionais relataram o uso de dinâmicas lúdicas em suas aulas que não foram identificadas nas observações. Revela-se um duplo desafio ao projeto analisado: diálogo entre os diferentes valores buscados e reflexões sobre a desnaturalização do ensino do boxe.

Palavras-chave: Projeto Social; Aspectos Socioeducativos; Aspectos Pedagógicos; Boxe.

ABSTRACT

The objective of this research was to analyze the socio-educational and pedagogical aspects of a social boxing project in the perspectives of the professionals in it and their participants. The research was characterized by structured observation and structured interviews with three professionals and seven students from a social project of a city in the interior of São Paulo. In the socio-educational aspects, the expectations of the professionals were based on a supposed positive learning aimed at the construction of citizenship, while the of the students in becoming fighters, with participation in competitions. Regarding the pedagogical aspects, the professionals reported the use of playful dynamics in their classes that were not identified in the observations. It reveals a double challenge to the project analyzed: dialogue between the different values sought and reflections on the denaturalization of boxing teaching.

Keywords: Social Project; Socio-educational Aspects; Pedagogical Aspects; Boxing.

RESUMEN



El objetivo de esta investigación fue analizar los aspectos socioeducativos y pedagógicos de un proyecto social de boxeo en las perspectivas de los profesionales en él actuantes y de sus participantes. La investigación se caracterizó por la observación estructurada y por entrevistas semiestructuradas y estructuradas con tres profesionales y siete alumnos de un proyecto social de una ciudad del interior de São Paulo. En los aspectos socioeducativos, la expectativa de los profesionales se pautó por un supuesto aprendizaje positivo hacia la construcción de la ciudadanía, mientras que la de los alumnos en convertirse en luchadores, con participación en competiciones. Sobre los aspectos pedagógicos, los profesionales relataron el uso de dinámicas lúdicas en sus clases que no fueron identificadas en las observaciones. Se revela un doble desafío al proyecto analizado: diálogo entre los diferentes valores buscados y reflexiones sobre la desnaturalización de la enseñanza del boxeo.

Palabras clave: Proyecto Social; Aspectos Socioeducativos; Aspectos Pedagógicos; Boxeo.

INTRODUÇÃO

De acordo com Zaluar (1994) os projetos sociais surgem no Brasil no final da década de 1970 e prosseguem pelos anos de 1980 como uma medida emergencial para os problemas socialmente destacados em nosso país, como: desigualdades, pobreza, desequilíbrio social. Neste contexto sociopolítico e econômico, os projetos sociais se estabeleceram como programas alternativos para complementar ou substituir processos educativos formais, destacadamente para as classes de menor poder aquisitivo.

Nos dias atuais, considerando a democratização e acesso à educação escolar pública, os projetos sociais esportivos, embora não sejam centrados na substituição da escola, ainda alimentam o objetivo de preencher o tempo de crianças, adolescentes e jovens, principalmente no contra turno escolar, assumindo como meta a ocupação do tempo livre de tais sujeitos, de modo a tirá-los das ruas, das drogas e de más companhias (FREITAS, 2010; SOUZA et. al., 2010; HIRAMA; MONTAGNER, 2012).

Como podemos perceber há uma aposta no reconhecimento benevolente e salvador do esporte nos projetos sociais. Todavia, Thomassim e Stigger (2009) alertam para o fato de que o esporte, mesmo em projetos sociais, também pode ensinar, por exemplo, o desrespeito, burlar regras para obtenção da vitória a qualquer custo, violência. Neste sentido, uma visão maniqueísta do esporte pode comprometer seu entendimento nos afastando da possibilidade de reconhecê-lo como uma prática social heterogênea, que possui

múltiplos valores e sentidos.

A construção desta multiplicidade de sentidos se materializa, como apontam Kravchychyn e Oliveira (2015), nas pesquisas que vem sendo realizadas sobre a temática projetos sociais esportivos. Os autores identificaram que, entre 2004 e 2013, ainda que várias produções acadêmicas sobre o assunto tenham se pautado ora em defesa dos projetos sociais para a cidadania e o combate à vulnerabilidade social ora para a crítica a um modelo neoliberal para os projetos, há outras que vem transitando em uma terceira frente, especialmente priorizando os aspectos socioculturais, pedagógicos e administrativos dos projetos sociais esportivos.

Desta terceira frente de investigações, o estudo de Castro e Souza (2011) ao analisarem o Projeto Esporte em Ação – Núcleo Vila Torres, Curitiba, PR demonstraram que os alunos acreditavam que o mesmo os protegia das más influências das ruas. Eles o percebiam como um lugar para promover socialização e variadas aprendizagens. Dentre estas aprendizagens estava o desenvolvimento de valores, em especial, o respeito ao próximo. Os conteúdos esportivos desenvolvidos no projeto e as amizades por lá construídas os atraíam. Para os professores, o projeto também contribuía para socializações positivas para os alunos, promovendo a melhora do comportamento. Todavia, os professores eram solicitados cotidianamente a resolver conflitos entre os alunos, sobretudo relativos à violência e agressividade nas práticas esportivas, evidenciando que o embate entre os valores ensinados oficialmente e aqueles também



aprendidos nas vivências esportivas se faziam presentes no projeto.

Mello e colaboradores (2011) ao analisarem as opiniões de evadidos e participantes jovens de um projeto social identificaram que a aprendizagem de uma modalidade esportiva ou de um gesto técnico eram os seus maiores benefícios, uma vez que melhorava a autoestima, o bem estar e o empoderamento dos participantes. A valorização das competições esportivas se mostrou como algo que contribuía para desenvolver e validar as aprendizagens que eles tinham vivenciado no projeto, incluindo a aptidão física, os limites individuais e a visibilidade do talento. O mesmo também colaborava com a construção de valores como: cooperação, respeito, solidariedade. A permanência no projeto se vinculava com a vivência de uma atividade física em grupo e as relações que eram construídas nesta oportunidade. Inicialmente, os professores tinham um objetivo que não estabelecia aproximação com as expectativas dos alunos, o que desencadeava significativa evasão. Ao ouvir os alunos, os professores reconfiguraram os objetivos dando uma abertura para treinamentos e participação nas competições. Para Mello e colaboradores (2011), os participantes não procuravam os projetos para a construção de consciência crítica mas, em se tratando de uma sociedade com tensões e conflitos tão persistentes, as competições acabavam se tornando “[...] uma possibilidade para a produção de outro estado de emoções que permita a sua liberação autocontrolada” (p. 190).

Na análise de outro projeto social esportivo, Machado, Galatti e Paes (2015), problematizaram finalidades do ensino, conteúdos desenvolvidos pelos professores e as percepções dos alunos sobre estes processos. Constataram que os professores defendiam que o papel do projeto era contribuir com o desenvolvimento de valores e modos de comportamentos. Contudo, na análise dos conteúdos trabalhados, os autores encontraram uma incongruência com a finalidade defendida, na medida em que os conteúdos davam destaques às questões técnico-táticas e não aos aspectos socioeducativos. Entre os alunos, embora eles

evidenciassem a aprendizagem de valores no projeto, deram destaques aos elementos técnico-táticos, o que parece, segundo Machado, Galatti e Paes (2015), demonstrar maior alinhamento com aquilo que os professores ensinavam.

Para Marques e colaboradores (2016), a participação em projetos sociais por parte de jovens se materializa como um processo educativo que pode contribuir para a aprendizagem, sobretudo, no âmbito dos valores. Os autores, ao analisarem os sentidos que os jovens produziam no aprendizado com a educação em valores de um projeto social do município de Serra, estado do Espírito Santo, identificaram que o mesmo se mostrava como um local seguro e protegido dos perigos da rua, construindo uma possibilidade para inclui-los no mercado de trabalho. A obrigatoriedade em participar da Oficina de Valores não garantia em si a aprendizagem efetiva de valores, ainda que isso fosse manifestado pelos jovens como uma mudança pessoal que atribuíam às suas participações no projeto: “[...] discutir menos com os colegas, evitar os palavrões, respeitar o outro e ser tolerante, já em sua relação com a família vimos que os jovens discutem menos com os pais, além de atender prontamente os pedidos feitos por eles” (p. 354). Este desalinhamento podia ser notado pelo fato dos jovens associarem as dinâmicas de tal oficina às mesmas que eram realizadas na escola, explorando os valores numa perspectiva enunciada e conceitual, o que contribuía com a desmotivação dos participantes. Já nas oficinas de Capoeira, *Break Dance* e Xadrez parecia haver uma disponibilidade dos jovens em querer aprender, o que acionava o estabelecimento de um desejo e um valor. Marques e colaboradores (2016) assinalam que tais atividades possibilitaram o exercício do protagonismo juvenil, estreitando vínculos entre os amigos e a diversão. Nesta direção, os projetos sociais, de acordo com os autores, podem contribuir para que os participantes se apropriem “[...] de uma visão mais crítica da realidade em que estão inseridos, exercitando sua capacidade de atribuir sentidos, desenvolver ações cooperativas e estruturá-las, [...] produzir mudanças [...]” (p. 369).



Considerando os achados destes estudos, ganhou relevo para a nossa pesquisa o alinhamento às investigações que buscam priorizar os aspectos socioculturais e pedagógicos dos projetos sociais esportivos. Sob este ponto de vista, estamos nos valendo de um recorte dos aspectos socioculturais, dando ênfase aos socioeducativos, ou seja, aqueles vinculados com os valores e comportamentos (MACHADO; GALATTI; PAES, 2015) pretendidos/desenvolvidos pelos profissionais dos projetos sociais e intentados/visualizados pelos participantes. Outro enfoque igualmente importante corresponde aos aspectos pedagógicos, aqueles que fazem referência aos modos de ensinar as práticas corporais nos projetos sociais.

Desenvolvido em um município do interior de São Paulo, o Projeto de Boxe ora analisado buscava disseminar a cultura desta modalidade para crianças e jovens de oito a 16 anos. Tal projeto ocorria em uma academia localizada em um bairro constituído por uma população carente de bens e oferecimento de serviços, sem condições adequadas de moradia e com oportunidades desiguais para poder conseguir estes acessos. As crianças e jovens participantes do projeto pertenciam às famílias do bairro no qual o projeto era desenvolvido e estudavam em escolas públicas próximas.

Em relação à fundação do projeto, que para os participantes era oferecido gratuitamente, os profissionais o fizeram com iniciativa e recursos próprios e não contavam com nenhum patrocínio privado ou auxílio governamental para mantê-lo. Os poucos recursos eram provenientes de mensalidades de aulas ministradas por estes mesmos profissionais em academias e fora do âmbito do projeto social. Foi este aspecto que o elegeu, para nós, como um cenário para a produção desta investigação.

Neste sentido, o objetivo deste estudo foi analisar os aspectos socioeducativos e pedagógicos de um projeto social de boxe nas perspectivas dos profissionais nele atuantes e de seus participantes.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa tratou de uma investigação qualitativa do tipo descritiva interpretativa, pois buscou compreender uma realidade com base em seu contexto e percepções dos sujeitos nele envolvidos, a partir de observações e narrativas (BENTO, 2012).

Os dados foram coletados durante as oito visitas do pesquisador ao projeto, tendo sido utilizada a observação estruturada, ou seja, voltada para indicadores predeterminados (NEGRINE, 1999) correspondentes ao ensino do boxe. Para tal, foram feitas anotações a fim de caracterizar as aulas.

Após este período, foram realizadas entrevistas semiestruturadas (NEGRINE, 1999) com três profissionais, criadores e responsáveis pelo projeto social, com vistas a coletar informações acerca das finalidades do projeto e das suas perspectivas sobre o ensino do boxe.

Em relação aos alunos do projeto, foi realizada uma entrevista estruturada (NEGRINE, 1999) envolvendo sete deles, com idades entre 11 e 15 anos. O foco da entrevista foi investigar as relações de cada um com a prática do boxe, destacando: o que os motivou a iniciar no boxe, suas percepções sobre as aulas, o que era ensinado e as atividades desenvolvidas e vivenciadas.

Os sujeitos entrevistados concordaram em participar da pesquisa por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, por parte dos profissionais e responsáveis pelos alunos, e do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido entre os alunos. Tais procedimentos foram informados a este periódico em documento suplementar. Ainda no correspondente às questões éticas do estudo, os profissionais e alunos do projeto tiveram seus nomes alterados a fim de que suas identidades fossem preservadas. No caso dos profissionais, os nomes fictícios foram: João, Osvaldo e Zeca. Já entre os alunos, os mesmos foram identificados por: Cauê, Esaú, Roberto, Firmino, Mateus, Davi, Júnior.

Considerando que o foco determinado para as observações, bem como, a delimitação do que foi explorado nas entrevistas caminhavam na direção do referencial teórico que balizou o



estudo, as categorias foram definidas *a priori*, representando um esforço de síntese de seus elementos mais importantes (BARDIN, 2010), ficando, portanto, circunscritas aos aspectos socioeducativos e pedagógicos.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

1. Aspectos socioeducativos

A promoção de uma socialização positiva tem se mostrado como o principal reconhecimento tanto para os participantes e profissionais quanto familiares dos envolvidos com os projetos sociais esportivos (THOMASSIM; STIGGER, 2009; CASTRO; SOUZA, 2011; SILVA; SILVA, 2014). Nesta linha, estão associados à melhora do comportamento dos jovens, maior envolvimento com as atividades da escola, respeito, cooperação, solidariedade. Apesar destas expectativas, o interior destas aprendizagens evidencia conflitos e necessidades constantes de mediações e dinâmicas que possam, de fato, contribuir para o desenvolvimento dos aspectos socioeducativos.

Sobre o trabalho desenvolvido pelos três profissionais no Projeto de Boxe, eles o compreendiam como uma ferramenta para “formar cidadãos” e afastar as crianças de aspectos negativos da sociedade.

O trabalho desenvolvido no projeto social é, além de ensinar boxe, é formar novos cidadãos, é tirar a molecada da rua, é ensinar um esporte pra eles ou até ter uma profissão, um ofício; é... um passatempo pra evitar que eles fiquem na rua usando droga, levando droga, fazendo o que não presta... (OSVALDO).

Zeca, de 62 anos, também manifestou a importância do ensino dos valores humanos ao se ensinar o boxe:

Oh, os valores são mais importantes nesse caso do que a técnica. Existe uma preocupação com a técnica, mas o mais importante são os valores, né? O respeito, humildade... eu acho que isso é mais importante.

Por se tratar do ensino de uma luta, os profissionais relataram que tinham um compromisso com valores que superassem atitudes com “fins errados”, como: brigar na escola, em casa ou na rua. Esta ideia se fez presente na fala de João:

A princípio são valores, disciplina, eles não podem aprender lutar e sair brigando na rua. Tudo é voltado pra quem quer lutar, luta no ringue; e fora do ringue ser uma pessoa disciplinada, comportada, sem uso da violência.

De acordo com Freitas (2010, p. 3) “[...] é comum observarmos um grande empenho dos projetos sociais esportivos em educar e transmitir valores para os jovens”. Tais apontamentos convergem com Hirma e Montagner (2012) ao identificarem ser comum a expressão “tirar da rua” nos discursos para justificar a importância de espaços como os projetos sociais.

Em estudo realizado por Silva e Silva (2014), ao analisarem um projeto social de boxe, constataram que: “[...] os participantes convivem com a violência, mas destacaram que a prática do boxe possui potencial para desestimular o uso de drogas e a participação em atos de delinquência” (p. 425).

Entretanto, Castro e Souza (2011) e Marques e colaboradores (2016) denunciam as várias incongruências que se estabelecem nos projetos sociais ao relatarem sobre os conflitos que revelam outros valores que não os defendidos. Estes elementos reforçam as manifestações de Parlebas (1988) ao reconhecer que o esporte em si não é nem bom e nem mal, mas o que se fizer dele. Por outra via, Marques e colaboradores (2016) vão explicitar que o trabalho com valores em projetos sociais parece carecer de uma dinâmica que se associe aos interesses dos participantes e às práticas concretas por eles vividas nos projetos sociais.

Ainda na perspectiva da construção de valores humanos e se tratando das relações proporcionadas junto ao ambiente do projeto social, foi recorrente, na fala dos alunos, a ideia do respeito às pessoas, à autoridade do professor e às regras de convívio estabelecidas no ambiente do projeto.

A fala do aluno Cauê, de 13 anos e participante do projeto havia três semanas,



evidenciou a transmissão de valores como: respeito ao professor, bem como uma atitude crítica ao uso da violência:

Eu aprendi que eu não posso mexer nas coisas sem autorização do professor, a “obedecer ele” e também aprendi a me defender no boxe, a bater e aprendi que eu não posso bater numa pessoa... usar o boxe para o mal.

O discurso de Esaú assemelhou-se ao de Cauê no âmbito da ética ao praticar esta modalidade: “Na academia eu aprendi que a gente não pode... o que nós aprendemos na academia, nós não ‘pode’ levar pra fora”.

Marques e colaboradores (2016) chamam a atenção para o fato de que o discurso da incorporação de valores em projetos sociais precisa ser relativizado, na medida em que, na contramão desta “suposta” aprendizagem, residem estratégias que se valem de abordagens exortativas e intrínsecas, ou seja, processos nos quais o ensino se dá pelo discurso condenatório das ações dos alunos sem reflexão ou ainda por experimentação de vivências que naturalmente seriam portadoras de “bons” valores.

A este respeito, um exemplo eram as ações disciplinares reforçadas pelos profissionais no Projeto de Boxe com a regra instituída de que em casos de atrasos nas aulas os alunos deveriam “pagar flexões”. Mariante Neto e Stigger (2011) chamam a atenção para o fato de que muitas expectativas trazidas pelos alunos para as aulas de boxe estão alimentadas por ações e comportamentos naturalizados que balizam o modo de significar a própria modalidade, demandando reflexões tanto dos profissionais quanto dos alunos para uma participação ativa e coletiva nas dinâmicas de ensino.

Neste sentido, concordamos com Marques e colaboradores (2016, p. 343) ao defenderem que nos projetos sociais “[...] não pode estar de fora a mediação dos valores como uma importante ferramenta para alcançarem os objetivos atitudinais criados para o atendimento aos jovens”. Todavia, tal mediação precisa ocorrer com o envolvimento efetivo dos participantes dos projetos sociais, em prol da construção de uma disponibilidade dos jovens em querer aprender, o que tende a acionar o estabelecimento de um valor.

Ainda assim, como salientam Barroso e Darido (2009), apesar do discurso recorrente na literatura a respeito da dimensão atitudinal no ensino das práticas esportivas, há uma falta de referencial para trabalhar esta temática:

Há um discurso praticamente homogêneo direcionando para uma formação que busque a autonomia, para a qual são salientados valores e condutas de comportamentos como participação, socialização, coeducação, respeito, cooperação, emancipação, igualdade e convivência. Não obstante, sentimos falta de uma melhor estruturação referente aos procedimentos pedagógicos para trabalhar estes temas (BARROSO; DARIDO, 2009, p. 286-287).

Sobre os principais objetivos e expectativas dos alunos em relação ao projeto social do boxe, as respostas foram diversas. Entre parênteses, apresentamos o número de alunos que utilizaram em suas falas os seguintes discursos: tornar-se um lutador (2), aprimorar-se como lutador (1), tornar-se um campeão (1), continuar lutando e aprendendo (1), aprender a defender-se e praticar atividade física (1) e emagrecer (1).

Ao juntarmos as cinco primeiras respostas, identificamos uma tendência ao interesse pela competição, como demonstrado na fala de Esaú: “Minha expectativa aqui no boxe é me tornar um lutador melhor [...]”. Em outra perspectiva, foi assinalado o interesse pela atividade física: “Eu quero aprender a me defender, a... sei lá, fazer alguma atividade física. Eu entrei só por treinar, mesmo... pra não ficar em casa dormindo até mais tarde” (ROBERTO). Depreendemos, com o agrupamento das respostas, que a expectativa da maioria dos alunos (5) caminha em direção à competição.

Inferimos das respostas dos alunos do projeto que, embora reconheçam o processo de aprendizagem com relação aos valores, há expectativas que caminham em outros sentidos do que aqueles apresentados pelos profissionais do projeto. Alinhado ao estudo de Mello e colaboradores (2011), as falas dos participantes explicitam uma expectativa com a competição e o desenvolvimento de competências técnicas relacionadas ao boxe. Aspectos que, muitas



vezes, estão dissociados de valores costumeiramente defendidos nos projetos sociais como inclusão e solidariedade.

Dentro do contexto de um projeto social, nem sempre os objetivos dos alunos se encontram alinhados com os dos professores (FREITAS, 2010). Este descompasso entre os objetivos dos profissionais que realizam o projeto e os participantes pode resultar em evasão e desinteresse pela continuidade no projeto. Neste sentido, consideramos importante que os ambientes de projetos sociais estejam abertos a múltiplas intencionalidades de seus participantes. De acordo com Rufino e Darido (2012, p. 291):

O ser que luta deve dar sentido à sua prática, ressignificando-a de acordo com suas próprias intenções. Isso permite a prática pedagógica das lutas corporais tornar-se reflexiva, sendo capaz de estabelecer críticas e fundamentações discursivas.

Com o intento de trazer outra perspectiva que supere o “beco sem saída” criado pela oposição entre os “bons” valores defendidos por projetos sociais *versus* os valores alimentados pela competição por parte dos participantes, Mello e colaboradores (2011) irão defender o empoderamento de participantes de projetos sociais a partir também da melhora técnica dos movimentos e, neste sentido, a competição parece se mostrar como cenário “da prova”, ou seja, é nele que o aluno pode materializar o que aprendeu e se autoavaliar. Trata-se assim de estreitar um diálogo entre os valores defendidos e aqueles resultantes das vivências dos treinos e das competições, reconhecendo-os como aliados do processo educativo e não concorrentes.

No aspecto socioeducativo, cumpre ainda ressaltar que o Projeto de Boxe mantinha a possibilidade de matrícula tanto de meninos quanto meninas, entretanto, o que identificamos, através das observações e das entrevistas com profissionais e participantes, foi a exclusiva presença masculina. Esta constatação se alinha aos resultados identificados por Cardoso, Sampaio, Santos (2015), “[...] sobre a participação das mulheres no boxe, as entrevistadas reiteram a falta de incentivos para a prática da modalidade tanto no que se refere a

questões relacionadas a patrocínio, dinheiro, ajuda, apoio, quanto aos preconceitos” (p. 144). O incentivo e o acesso de meninas à prática do boxe poderiam contribuir com o processo de aprendizagem rumo à minimização (quicá superação) dos paradigmas culturais de gênero.

2. Aspectos pedagógicos

Os aspectos pedagógicos demarcam elementos correspondentes ao modo de ensinar. No contexto do nosso estudo, nos valem especificamente “[...] da organização e sistematização pedagógica das modalidades esportivas para vivência e prática das mesmas, além da escolha metodológica para sua aplicação” (MACHADO; GALATTI; PAES, 2015, p. 407).

Sobre como elaboravam as aulas, os profissionais destacaram a parte lúdica, principalmente quando havia alunos novos. De acordo com eles, na medida em que os alunos iam pegando mais experiência, eram direcionados às atividades mais técnicas e físicas:

São bem lúdicas. Quando o aluno está mais avançado eu já puxo pra uma parte mais física e técnica de boxe. Quando ele tá na parte de treino pra competição mesmo, é mais... mais técnico ainda. Treinos de contato mesmo, pra tentar deixar mais próximo da simulação de luta (JOÃO).

Na literatura acerca da pedagogia do esporte, é recorrente o posicionamento favorável à utilização de jogos e brincadeiras, que podem servir como facilitadores para o processo de ensino e aprendizagem (BARROSO; DARIDO, 2009). Ainda nesta perspectiva, Barroso e Darido (2009, p. 288) destacam:

Somos amplamente favoráveis à utilização de jogos. Não somos radicais ao ponto de excluir a possibilidade da execução de atividades com características de repetição de certos movimentos da modalidade, buscando uma melhor execução, mas defendemos a predominância da utilização do jogo pela motivação e pelo prazer proporcionado por ele, favorecendo o ambiente da aprendizagem.



Todavia, sem destacar a dimensão lúdica, os alunos, quando questionados a respeito das atividades desenvolvidas no projeto, deram relevo aos exercícios, como: pular corda, correr, bater no saco de boxe, alongamentos, gestos técnicos que conseguiram lembrar, não sendo pontuadas as dinâmicas lúdicas relatadas pelos profissionais.

Machado, Galatti e Paes (2015) encontraram resultados semelhantes ao nosso estudo quando identificaram que os objetivos anunciados pelos professores destoavam daqueles que eram percebidos pelos alunos. Em nosso caso, a incongruência ocorreu na relação do modo de ensinar relatado pelos profissionais e a forma de perceber isso para os alunos.

Ainda que sejamos defensores do valor formativo das estratégias lúdicas para o ensino entre iniciantes de modalidades esportivas, com os objetivos de incluí-los, promover relações entre eles, incentivá-los, encorajá-los e mobilizá-los às vivências corporais ao longo da vida, ao que parece, a expressão lúdica se constitui como uma validade discursiva daquilo que o profissional vem desenvolvendo em suas aulas.

Em linhas gerais, não foram identificadas atividades efetivamente lúdicas que acessassem brincadeiras ou jogos para o envolvimento dos alunos nas aulas. Estas se caracterizavam por envolver atividades de condicionamento, técnicas e experimentações dos equipamentos característicos do boxe.

As aulas eram compostas por um aquecimento, no qual os alunos frequentemente pulavam corda. Tal exercício era defendido pelos profissionais por trabalhar músculos importantes na movimentação, além de trabalhar coordenação motora e ritmo. Havia ainda outros exercícios para condicionamento físico, como: flexões, abdominais, corrida, exercícios de coordenação motora e exercícios aeróbicos.

Na parte técnica, com atividades nas quais os alunos podiam se movimentar sozinho ou em duplas, destacavam-se: golpes, defesas e esquivas, conforme as sequências estipuladas pelos instrutores/professores. Nesta etapa, os profissionais acompanhavam a execução dos movimentos dos alunos e faziam as correções necessárias. Sempre que havia contato nos

exercícios em dupla, eram usadas proteções para a cabeça e, dependendo da intensidade, proteção bucal.

No final de cada aula, antes de dispensar os alunos, eram realizados exercícios de alongamento e, quando os profissionais julgavam necessário, uma roda de conversa. Os profissionais também demonstravam atenção ao comportamento dos alunos, fazendo comentários e conversando com os mesmos quando algo desrespeitoso era dito ou feito.

Além dos gestos técnicos e exercícios de condicionamento físico desenvolvidos, alguns momentos eram livres para experimentação e percepção por parte dos alunos. Foram presenciadas situações de pular corda, alunos mais novos e mais experientes juntos, alguns lutavam para manter o ritmo sem tropeçar, outros já dominavam e/ou experimentavam outras formas de realizar o gesto, como girar a corda no sentido contrário, alternar os pés, cruzar os braços. Neste momento, o uso do saco de boxe também se destacou, pois os alunos exploravam livremente suas percepções dos golpes e técnicas aprendidas, com constante correção dos profissionais.

Especificamente para os participantes iniciantes no boxe, eram utilizados implementos para facilitar o aprendizado de posturas e movimentações, tais como a escada de agilidade e marcações no chão. Como se pode notar, numa perspectiva mais técnica que lúdica.

No campo do ensino dos esportes de combate, em especial do boxe, uma prática corporal sociomotriz de oposição (PARLEBAS, 2008), na qual dois adversários se enfrentam para atingir partes do outro e nocautear ou computar pontos até o fim dos *rounds*, Rufino (2014) sinaliza para a dificuldade de o boxe ser ensinado com a utilização de jogos. O próprio autor se pergunta se seria possível ensinar as lutas por meio de jogos.

O uso deste recurso, ou seja, dos jogos como estratégia de ensino, mobilizando a dimensão lúdica, se alinha aos desafios identificados por Mariante Neto e Stigger (2011) no que corresponde aos aspectos naturalizados que orientam o modo de significar o boxe. Desta naturalização resultaria uma prática corporal que



é caracterizada por golpes e situações de oposição, por isso, de um modo geral, teria uma rotina de ensino assentada em vivências de gestos técnicos, exercícios de coordenação motora e condicionamento físico.

Rufino e Darido (2012, p. 296) consideram que “[...] a pedagogia das lutas corporais deve compreender aspectos valorativos da prática pedagógica, abrangendo a complexidade inerente ao ensinar, respeitando a concepção do semovimentar dos indivíduos”.

Marques e colaboradores (2016) alertam para a necessidade de mais pesquisas que dialoguem com os participantes dos projetos. Esse processo mobilizaria novas ações em prol da compreensão e desenvolvimento dos projetos sociais, em especial aquelas vinculadas ao ensino das modalidades esportivas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em linhas gerais, os dados encontrados neste estudo, que teve como pano de fundo o Projeto de Boxe, nos permitiram identificar perspectivas nem sempre alinhadas entre seus profissionais e participantes.

Especificamente com relação aos aspectos socioeducativos, a expectativa dos profissionais se abrigou na defesa de uma suposta aprendizagem positiva voltada para construção da cidadania. Tal achado parece materializar um discurso já bastante comum entre os gestores e executores de projetos sociais esportivos.

Entre os alunos, ainda que tenham manifestado o reconhecimento de mudanças de comportamentos como resultado das relações

construídas no projeto, suas expectativas se mostraram mais voltadas para tornarem-se lutadores com participação em competições.

Trata-se assim da evidência de um dos desafios do Projeto de Boxe, demandando um diálogo entre os valores defendidos e aqueles outros valores resultantes das vivências dos treinos e das competições, reconhecendo-os como aliados do processo educativo e não, concorrentes.

Sobre os aspectos pedagógicos, os profissionais relataram o uso de dinâmicas lúdicas em suas aulas que não foram identificadas nas observações das aulas, uma vez que as mesmas se balizavam por uma rotina de exercícios para a melhora do condicionamento físico, da coordenação motora, dos gestos técnicos do boxe e da familiarização aos equipamentos da modalidade. Essa rotina fazia valer uma espécie de naturalização do ensino do boxe, cabendo, portanto, reflexões que possam mobilizar a possibilidade de outros modos de ensinar neste âmbito.

Apesar destes importantes achados, de certo modo relacionados a outros estudos sobre projetos sociais esportivos, um dos limites desta pesquisa pode ser associado ao número reduzido de investigações na área do boxe, sobretudo vinculadas a projetos sociais. Ainda neste raciocínio das limitações da pesquisa, projetos setorializados e de pequeno porte, presentes em comunidades carentes e que se mostram com configurações bem particulares, precisam ser investigados na expectativa de que a produção de novos conhecimentos contribua para favorecer uma melhor compreensão e intervenções mais acertadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 4. ed. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2010.

BARROSO, André Luís Ruggiero; DARIDO, Suraya Cristina. A pedagogia do esporte e as dimensões dos conteúdos: conceitual, procedimental e atitudinal. **Revista da Educação Física**, v. 20, n. 2, p. 281-289, 2009.

BENTO, António V. Investigação quantitativa e qualitativa: dicotomia ou complementaridade? **Revista JA**, n. 64, a. VII, p. 40-43, abr, 2012.



CARDOSO, Berta Leni Costa; SAMPAIO, Tania Maria Vieira; SANTOS, Doiara Silva dos. Dimensões socioculturais do boxe: percepção e trajetória de mulheres atletas. **Movimento**, v. 21, n. 1, p. 139-153, fev./ mar., 2015.

CASTRO, Suelen Barbosa Eiras de; SOUZA, Doralice Lange de. Significados de um projeto social esportivo: um estudo a partir das perspectivas de profissionais, pais, crianças e adolescentes. **Movimento**, v. 17, n. 4, p. 145-163, out./ dez., 2011.

FREITAS, Maitê Venuto de. Projetos Sociais Esportivos: sobre desencontros culturalmente significativos. In: SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 22, 2010, Porto Alegre. **Anais...** V Congresso Sul brasileiro de Ciências do Esporte. Porto Alegre, RS: UFRGS, 2010. p. 1-7.

HIRAMA, Leopoldo Katsuki; MONTAGNER, Paulo César. Algo para além de tirar da rua: o ensino do esporte em projeto socioeducativo. **Revista brasileira de ciências do esporte**, v. 34, n. 1, p. 149-164, jan./ mar., 2012.

KRAVCHYCHYN, Claudio; OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bassoli de. Projetos e programas sociais esportivos no Brasil: uma revisão sistemática. **Movimento**, v. 21, n. 4, p. 1051-1065, out./ dez., 2015.

MACHADO, Gisele Viola; GALATTI, Larissa Rafaela; PAES, Roberto Rodrigues. Pedagogia do esporte e projetos sociais: interlocuções sobre a prática pedagógica. **Movimento**, v. 21, n. 2, p. 405-418, abr./ jun., 2015.

MARIANTE NETO, F. P.; STIGGER, Marco Paulo. Reflexividade na pesquisa etnográfica e as suas relações com a prática pedagógica de um professor de boxe. **Cadernos de formação RBCE**, v. 2, n. 1, p. 95-107, jan., 2011.

MARQUES, Rodrigo e colaboradores. Os sentidos atribuídos pelos jovens à educação em valores no contexto de um projeto social. **Licere**, v. 19, n. 4, p. 341-373, dez., 2016.

MELLO, André Silva e colaboradores. Educação física e esporte: reflexões e ações contemporâneas. **Movimento**, v. 17, n. 2, p. 175-193, abr./ jun., 2011.

NEGRINE, Airton. Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. In: MOLINA NETO, Vicente; TRIVIÑOS, Augusto N. S. **A pesquisa qualitativa em educação física** Porto Alegre, RS: UFRGS/SULINA, 1999.

PARLEBAS, Pierre. **Elementos de sociologia del deporte**. Málaga, Espanha: Universidade Internacional Deportiva de Andalucía, 1988.

PARLEBAS, Pierre. **Juegos, deportes y sociedades: léxico de Praxiología Motriz**. Barcelona, Espanha: Paidotribo, 2008.

RUFINO, Luiz Gustavo Bonatto; DARIDO, Suraya Cristina. Pedagogia do esporte e das lutas: em busca de aproximações. **Revista brasileira de educação física e esporte**, v. 26, n. 2, p. 283-300, abr./ jun., 2012.



SILVA, Orestes Manoel da; SILVA, Carlos Alberto Figueiredo da. Desenho da rede de um projeto esportivo social: atores, representações e significados. **Revista brasileira de educação física e esporte**, v. 8, n. 3, p. 415-28, jul./ set., 2014.

SOUZA, Doralice Lange de e colaboradores. Determinantes para implementação de um projeto social. **Motriz**, v. 16, n. 3, p. 689-700, jul./ set., 2010.

THOMASSIM, Luis Eduardo Cunha; STIGGER, Marco Paulo. Super oferta de projetos sociais esportivos: superando as imagens públicas idealizadas sobre estas ações. **Anais... I Seminário Nacional Sociologia e Política UFPR**, 2009, p. 1-17.

ZALUAR, Alba. **Cidadãos não vão ao paraíso**. São Paulo: Escuta, Campinas, SP: UNICAMP, 1994.

Dados do autor:

Email: lilian.ferreira@unesp.br

Endereço: Rua Azarias Leite, 10-38, Apto. 14, Centro, Bauru, SP, CEP 17015-210, Brasil

Recebido em: 15/01/2019

Aprovado em: 29/05/2019

Como citar este artigo:

FERREIRA, Lilian Aparecida; MARRERO, Fernando Pagliarini; RAMOS, Glauco Nunes Souto. Aspectos socioeducativos e pedagógicos de um projeto social: perspectivas de profissionais e participantes. **Corpoconsciência**, v. 23, n. 02, p. 26-36, mai./ ago., 2019.